

# A Metalinguagem Religiosa: As Aves como Metáforas e Símbolos na Mitologia Egípcia

**J**osé das Candeias Sales  
Universidade Aberta / Universidade de Lisboa  
jcsales@clix.pt

---

## *Resumo*

---

As aves tiveram uma enorme importância na vida natural, económica, artística e espiritual do antigo Egipto, permitindo entender as origens da cultura egípcia, o funcionamento da sua realeza, a organização das oferendas nos altares das divindades e dos defuntos e o próprio comportamento das suas divindades.

Entre as suas muitas aves que receberam a atenção dos antigos Egípcios no domínio mitológico, interessa perceber as suas principais características, modos de atuação e papéis que desempenharam, bem como as metáforas e os símbolos que lhe foram associados para exprimirem, por exemplo, alguns conceitos maiores do pensamento religioso egípcio.

**Palavras-Chave:** aves, mitologia, pensamento religioso, metáforas, símbolos.

---

## *Abstract*

---

Birds had a huge importance in the natural, economic, artistic and spiritual life of ancient Egypt, opening a way to understanding the origins of the Egyptian culture, the ways of functioning of its royalty, the organization of the offerings on the altars of the deities and the deceased and the behavior of the deities' itself.

Among the many birds that got ancient Egyptian's attention in the mythological scene, it is important to understand their main characteristics, operating modes and roles played, as well as the metaphors and the symbols associated to it to express, for example, among bigger concepts of the Egyptian religious thought.

**Keywords:** birds, mythology, religious thought, metaphors, symbols.

Um dos aspectos mais notáveis e mais distintivos da mitologia egípcia é o enorme número de divindades com representações zoomorfas ou híbridas/ bimórficas. Este traço da conjugação dos caracteres humanos com as marcas animais, absolutamente normal no âmbito do pensamento religioso egípcio que concebia o sagrado sob diversos prismas, surpreendeu muitos dos intelectuais antigos que, não raro, deixaram críticas, mais severas ou mais sarcásticas, à religião egípcia (TE VELDE, 1980, 76; SCALF, 2012, 33). Se, por exemplo, Heródoto de Halicarnasso (século V a.C.) demonstra algum respeito e consideração pelos preceitos e pelos ideais egípcios:

*«Os Egípcios observam escrupulosamente todos os preceitos da sua religião e, em particular, aquele que passo a referir. O seu país não contém muitas espécies de animais, ainda que faça fronteira com a Líbia, mas os animais que nele existem, domésticos ou selvagens, são todos sagrados aos olhos deles. Explicar os motivos dessa consagração levar-me-ia a tratar aqui dos mistérios sacros» (HERÓDOTO, II, 65).*

outros há, como Juvenal (século I), Luciano de Samósata (século II) ou Clemente de Alexandria (século III), que, além de incompreensão pela consistência e lógica interna das metáforas visuais egípcias e pelo seu complexo simbolismo, mostram um profundo desprezo pelos comportamentos litúrgicos e espirituais dos homens do Nilo:

*«Quem não sabe, ó Volusius, a que monstros o Egipto dirige o seu culto insensato? Uns adoram o crocodilo. Outros sentem-se tomados de pavor perante a íbis esgrouviada e as serpentes. Vê-se brilhar a estátua dourada do cinocéfalo sagrado.» (JUVENAL, Sátira 15).*

*«Os templos egípcios eram grandes e belos, construídos de pedras nobres, ornados de ouro e de pinturas preciosas. Mas quando se perguntava a que deus eram consagrados, ficava-se sabendo que esse deus era um macaco, um íbis, um bode ou um gato ...» (Luciano, A Portrait-Study/ Imagines, 11).*

*«Momos: Olá seu egípcio de focinho de cão e vestido de linho, quem és tu, meu caro? Como te passa pela cabeça, béu beú, querer ser um deus? E que pensa ser, antes de mais, este touro malhado de Mênfis, que se faz adorar como um deus, dá oráculos e tem profetas? Eu envergonho-me simplesmente de falar de íbis, macacos, bodes e de coisas ainda mais ridículas, que, não sei como, foram catapultadas do Egipto para o céu. Como é que vocês, deuses, podem contemplar pacientes que estes sejam venerados na mesma medida ou até mais que vocês? Ou tu, Zeus, como suportas que eles te deixem crescer cornos de carneiro?*

*Zeus: Na verdade, o que tu notas aí a respeito do Egipto soa feio; mas, no entanto, Momos, a maior parte dessas coisas contém um simbolismo misterioso e um não-iniciado não devia de modo nenhum trocar disso.*

*Momos: Como se nós precisássemos realmente de mistérios, para reconhecer deuses como deuses e cabeças de cão como cabeças de cão.» (Luciano, Zeus Tragoedus, 42, 43).*

*«O santo dos santos dos templos egípcios é oculto por véus preciosos. Se nos aproximamos para ver o deus, o sacerdote ergue os véus com o ar de recolhimento e um hino sagrado nos lábios. Então desatamos a rir, porque, como divindade, não vemos senão um gato, um crocodilo ou uma serpente» (Clemente de Alexandria, Paedagogus , III, 2).*

Os traços do biformismo das divindades egípcias, do zoomorfismo ou da sobrevivência de elementos animais (ex.: orelhas de vaca, chifres taurinos, cornos de carneiro, etc.) desnordeou os visitantes estrangeiros do passado, como deixa, ainda, por vezes, desconcertados alguns dos que contactam pela primeira vez com as formas e representações mitológicas egípcias. Praticamente quase nenhum animal da fauna egípcia escapou à apropriação mitológica-simbólica, quais receptáculos e representações metafóricas e animadas de seres e entidades sobrenaturais.

De uma forma geral, a devoção animal pode ser dividida em dois grandes grupos: de um lado, os chamados «únicos», ou seja, os animais que eram escolhidos entre os seus congéneres da mesma espécie como *bau* ou encarnações terrestres de determinado deus (hipóstases divinas ou manifestações tangíveis), sendo, no fundo, os seus representantes na terra e os intermediários/ interlocutores entre a divindade e os humanos<sup>1</sup>. Eram eles que manifestavam de forma permanente a presença divina. Estes animais eram entronizados e venerados em vida, um de cada vez, sendo especialmente tratados para aparecerem a público, nas procissões e nas grandes festas públicas (Scalf, 2012, 36). Quando morriam eram mumificados e inumados sumptuosamente em necrópoles específicas, continuando a ser reverenciados através de culto funerário (Bosch Puche, 2012, 245). Muitos deles (como Ápis, talvez o animal «único» mais conhecido do antigo Egipto) recebiam sumptuosos funerais, como mumificações e sepultamentos dignos de qualquer grande faraó (Sales, 2014a).

De outro lado, estão os «múltiplos», presentes em numerosas necrópoles, destinadas a acolher um grande número de múmias de animais (gatos, cães, íbis, falcões, crocodilos, algumas espécies de peixes, etc.), caçados, pescados ou criados em grande quantidade com o único propósito de serem convertidos em oferendas votivas para uma determinada divindade a que se encontravam associados. Ao contrário dos «únicos», os «múltiplos» não tinham valor ritual até à sua morte e posterior mumificação. Não eram adorados em vida. Eram um tipo de *ex-voto* oferecido pelo

---

<sup>1</sup> Os Gregos chamavam *eidolôn* a estes animais vivos que eram manifestações tangíveis das divindades (Cf. MEEKS, 1986, 188. 189).

devoto na esperança de obtenção de algo em troca, ou seja, vida eterna ou assegurar o seu nome na necrópole ao lado do da divindade (Bosch Puche, 2012, 245).

Entre as figurações zoomorfas de divindades do panteão egípcio estão numerosos animais, como procuramos sistematizar no quadro seguinte (Daumas, 1982; Watterson, 1984; Hart, 1986; Hornung, 1986; Kessler, 2001; Vernus e Yoyotte, 2005; Dodson, 2009):

FORMAS E/ OU FIGURAÇÕES ZOOMORFAS DE DIVINDADES DO PANTEÃO EGÍPCIO	
BOI	Ptah no boi Ápis em Mênfis; Ré no touro Meruer, em Heliópolis; Montu no touro Bukhis, em Hermontis; Bata em Cinópolis; Kemuer em Athribis; Hesbu no XI <i>nomos</i> do Alto Egípto, Min em Gebtu e Khentmin; Tjai-sepuf, Siankh e Amon.
VACA	Hathor; Ísis-Hathor; Mehet-Ueret; Nut; Sekhat-Hor; Bat; Hesat; Rettau; Ihet; Sekhetet; Chentayet; Khensit; Sete Hathores.
SERPENTE	Uadjit, Meretseger, Renenutet, Hetepes-Sekhus, Upset, Beset, Apopis, Neheb-kau, Ueret-Hekau; Nepret, Hu, Mehen, Kebehuet, Kerehut, Denuen, Agathodiamon, Ach, as quatro deusas primordiais de Kehmenu: Nunet, Hehet, Keket e Amonet.
CARNEIRO	Amon; Khnum; Herichef; Banebdjedet; Kherty, o deus-solar Ré, na forma Efu-Ré; Neferhetep.
CROCODILO	Sobek e Khentikheti.
LEÃO	Sekhmet; Nefertum; Tefnut; Pakhet; Mahés; Chesmetet; Chu; Mehyt; Menhyt; Mut; Arensnufis; Ueret-Hekau; Ach; Aker; Mekhit; Mestjet; Ruty; Chesmu, Tutu; Apedemak .
PANTERA	Mafdet.
GATO	Bastet em Bubastis; Mut.
CÃO SELVAGEM ( <i>CANIS LUPASTER</i> ) OU O LOBO	Anupu/ Anúbis; Duamutef, Anuput, Upuaut, Khentamentiu, Sed.
HIPOPÓTAMO	Taueret, Apet, Reret, Chepet, Set.
PORCO NEGRO	Set <sup>2</sup> .
BABUÍNO	Tot, Babi e Hapi.
ICNÊUMONE	Atum, Ched, Mafdet.
GAZELA	Anuket, Satet e Rechep.

<sup>2</sup> Se bem que o hipopótamo e o porco negro sejam associados a Set, esta divindade tinha, porém, como forma animal mais frequente a de um animal, elegante e bizarro, mas ainda desconhecido ou não identificado com total rigor, de altas orelhas retangulares, olhos oblíquos, focinho arqueado para baixo, corpo cinzento e cauda hirta. Há quem tenha visto no animal-símbolo de Set uma lebre, um burro, uma girafa, um okapi... Como dizia Jean Yoyotte: «En fait, ce fut une idole immémoriale déformant fantastiquement les traits d'une ou de plusieurs espèces» (Cf. YOYOTTE, 1970, 266. Vide TE VELDE, 1967, 7-26).

LEBRE	Uenet
ESCARAVELHO	Khepri
RÃ	Heket e os quatro deuses primordiais de Khemenu: Nun, Hehu, Keku e Amon
ESCORPIÃO	Serket, Hededet, Ta-Bitjet
CENTOPEIA	Sepa
PEIXE	Neit; Hatmehyt.

A esta extensa e variada lista pode ainda acrescentar-se Amut, «A Devoradora» ou «A Devoradora dos mortos», que não sendo um animal específico, concreto, sintetizava três distintos e terríficos animais da antiga fauna egípcia: o leão, o hipopótamo e o crocodilo (SALES, 1999, 358-366).

As aves não escaparam também a esta apropriação mitológica e surgem na literatura funerária e na arte egípcia associadas, de forma integral ou parcial, a divindades de primeiro plano do panteão:

FORMAS E/ OU FIGURAÇÕES DE AVES DE DIVINDADES DO PANTEÃO EGÍPCIO	
FALCÕES	Hórus em Edfu; Anti/ Nemti no Alto Egípcio; Sopedu no Noroeste do Delta; Sokar em Mênfis; Montu em Tebas; Khnosu em Karnak; Hor-uer em Kom Ombo; Ré-Horakhti em Heliópolis, Ísis e Néftis; <i>bau</i> / «almas» de Pe; os deuses Kebehsenuf e Ach; Imentet; Hauron; Mandulis em Kalabcha; Min em Qift; Khentikheti em Athribis.
ABUTRE	Nekhebet, Mut e Ach.
ÍBIS	Tot.
GANSO	Amon, Geb e Horpakhered.
AVESTRUZ	Tatenen ou Tatjenen e Maet.
PELICANO	Henet.
GARÇA-REAL OU AVE- <i>benu</i>	Atum, Ré e Osíris <sup>3</sup> .

Repare-se que um mesmo animal podia servir para mais que um deus e que uma divindade podia possuir mais do que um animal-símbolo sagrado (ex.: o ganso e o carneiro para Amon; a íbis e o babuíno para Tot; o touro e o carneiro para Ré; o

<sup>3</sup> A ave-*benu*, *Ardea cinerea* ou *Ardea purpurea* (conhecida pela designação clássica de fénix) simboliza o deus Atum quando este, no princípio do Tempo, emergira das águas do caos e se criara a si próprio e era identificada com Ré, o deus-solar, no momento do nascimento diário do astro-rei, e com Osíris, deus do mundo subterrâneo, no pôr-do-Sol (Cf. HOULIHA, 2001, 191). A lavandisca amarela (*Motacilla flava*) é também apontada como a ave que servia de símbolo para as divindades solares de Heliópolis (Cf. WILKINSON, 2003, 212).

hipopótamo e o porco para Set; o crocodilo e o falcão para Khentikheti; o icnêumone e a pantera para Mafdet; o leão, o gato e o abutre para Mut; o falcão, o leão, a serpente e o abutre para Ach)<sup>4</sup>. Não prolifera, portanto, o monolitismo visual e animal, mas antes uma multiplicidade de imagens que é, em si mesma, uma marca característica do universo mental-religioso egípcio (SCALF, 2012, 34; MEEKS, 1986, 188).

A cabeça animal era um privilégio divino que revelava um aspecto da natureza da divindade, enquanto o corpo humano era o próprio signo da sua individualidade. As dimensões antropomorfa e zoomorfa mesclam-se na imagética egípcia, ao ponto dessa «animalidade» dos deuses egípcios constituir um facto dominante da religião egípcia, que o triunfante cristianismo posterior considerará como um dos signos do paganismo (MEEKS, 1986, 171, 180, 182).

### **I. As aves: metáforas e símbolos na mitologia egípcia**

A escolha das aves como animais sagrados, como símbolos divinos ou figurações iconográficas das divindades derivou de um conjunto de atributos, naturais e/ou ideológicos, associados às próprias aves e que, facilmente entendidos pela maioria dos antigos Egípcios, se prestavam bem a uma judiciosa apropriação mitológica. As aves tiveram, de facto, uma enorme importância na vida natural, económica, artística e espiritual do antigo Egipto, permitindo entender as origens da cultura egípcia, o funcionamento da sua realeza, a organização das oferendas nos altares das divindades e dos defuntos e o próprio comportamento das suas divindades.

Além do mais, a localização do Egipto na zona nordeste do continente africano fazia do país, desde tempos imemoriais, uma zona de passagem migratória anual de inúmeras espécies de aves da Europa e da Ásia ocidental para a África central e meridional. Duas vezes por ano, na primavera e no outono, nas jornadas de ida e de regresso, desde muito cedo que o povo do Nilo esteve em contacto com numerosos tipos de aves, usando algumas delas na sua dieta, como fonte de proteínas (HOULIHAN, 2001, 189; BAILLEUL-LESUER, 2012, 23, 24). Torna-se, portanto, compreensível o

---

<sup>4</sup> Por vezes, tratava-se do mesmo animal, mas de diferentes espécies: o carneiro de Amon era o *ovis platyura* (baixo e de cauda curta), ao passo que o de Herichef, Banebdjedet e Khnum era o *ovis longipes*, ou seja, o carneiro de Amon apresentava os chifres recurvados, ao passo que o *ovis longipes* tinha os longos chifres ondulados, em espiral, e era alto e de cauda comprida. O ganso de Amon era da espécie *Anser fabalis*; o de Geb era o *Anser albifrons* (Cf. ARAÚJO, 1995, 56; TE VELDE, 1976).

conhecimento dos ciclos naturais, do comportamentos e funções das aves e a sua respectiva apropriação para fins sagrados, divinos.



A representação pictórica de aves é também uma constante na pintura e nos baixos-relevos pintados egípcios, estando patente nos programas decorativos dos túmulos-capela do Império Antigo e do Império Médio e dos hipogeus do Império Novo<sup>5</sup>. O repertório de espécies figuradas é extremamente variado, requintado e detalhado, sendo que algumas delas hoje já se encontram extintas na fauna egípcia (HOULIHAN, 2001, 189-191).

Discos solares alados, de maiores ou menores dimensões, com densa ou mais esparsa penugem nas asas, e abutres de asas abertas, segurando nas garras signos *chen* (protecção eterna), alguns profusa e intensamente pintados, com fortes azuis, vermelhos e brancos, são motivos artísticos relativamente comuns nos tectos, lintéis, paredes e portais superiores de entrada dos templos egípcios do Império Novo e do Período Ptolomaico, ainda hoje perceptíveis e observáveis. Também aí as aves ou as partes de aves (como as asas) recebem um tratamento que se ajusta à transmissão plástica dos conceitos de eternidade e de protecção.

As aves constituíram também uma poderosa fonte de inspiração para o sistema de escrita hieroglífica: entre os cerca de 800 signos hieroglíficos de utilização regular até ao Período Ptolomaico, 65 signos deles representam aves. Incorporam numerosas espécies de aves, em várias posições e actividades, bem como partes de aves ou elementos a elas associados (cabeças, asas, plumas, patas, ovos). Alan Gardiner agrupou-os nas secções G e H da sua *Egyptian Grammar* (GARDINER, 1982, 467-474 e 545 – Vide Fig. 1)<sup>6</sup>. É geralmente aceite que a ave *rekhyt*, representada pelos hieróglifos

<sup>5</sup> Algumas deles constituem autênticas obras-primas da pintura egípcia, como sejam a mastaba de Ti (túmulo 60), em Sakara (V Dinastia); os «Gansos de Meidum», do túmulo de Nefermaat e de sua esposa Atet, em Meidum (IV Dinastia); os túmulos de Baket III (BH15) e de Khnumhotep III (BH3), em Beni Hassan, o primeiro da XI Dinastia e o segundo da XII Dinastia (Cf. EVANS, 2012, 91). No entanto, se quisermos ser totalmente rigorosos, as aves (avestruzes, *Struthio camelus*) surgem já representadas em pinturas rupestres, em paletas (ex.: Paleta da Caça) e na decoração da cerâmica no período pré-dinástico (Nagada I A – II A e II C-D), ou seja, praticamente desde o início do IV milénio a.C. (HENDRICKX, 2000, 21-24).

<sup>6</sup> Anote-se que dos 777 signos da lista de Gardiner, 176 (secções E a L) dizem respeito ao reino animal (mamíferos, partes de mamíferos, aves, partes de aves, anfíbios, répteis, peixes e partes de peixes, invertebrados e animais menores). Isto significa que 1 em cada 4 ou 5 hieróglifos está relacionado com animais e que mais de 1/3 deles são aves (Cf. TE VELDE, 1980, 76). A maioria das aves constantes nesta lista está representada de perfil, de uma forma estilizada, de acordo com o cânone artístico egípcio, à excepção da coruja que é representada de frente (quatro casos: G 17- G 20), talvez por se tratar da forma mais expressiva e impressiva de a mostrar. Não podemos esquecer que os hieróglifos egípcios não eram simples componentes do sistema de escrita, como as letras do alfabeto romano. Cada signo era uma imagem em miniatura cuja eficácia mágica dependia da sua mais correcta e apropriada representação.

G 23 e G 24 da lista de Gardiner (  e , respectivamente), era usada nas inscrições e nas representações iconográficas como «símbolo de um colectivo» para designar os «súbditos egípcios», o «povo comum do Egipto» (GRIFFIN, 2007, 66)<sup>7</sup>.

Complementarmente, não se pode ignorar que as aves (íbis e falcões de pequeno porte, designadamente) estiveram, sobretudo nas épocas mais tardias da história egípcia (Época Baixa, Período Ptolomaico e Período Romano), estreitamente associadas às ofertas votivas usadas pelos peregrinos e que foram alvo de delicados processos de mumificação. O *ibiotapheion*, catacumba de íbis de Tuna el-Guebel, está entre as necrópoles egípcias onde se afeiçoaram catacumbas específicas ou se reaproveitaram galerias de túmulos antigos para os enterramentos de animais votivos depois de morrerem (IKRAM, 2012)<sup>8</sup>.

Entre as muitas aves que receberam a atenção dos antigos Egípcios no domínio mitológico, vejamos, a título de recenseamento, naturalmente abreviado, as suas principais características, modos de actuação e papéis que desempenharam, bem como as metáforas e os símbolos que lhe foram associados.

## 1. Íbis ou gansa primordial

Provavelmente o caso mais conhecido do antigo Egipto em que uma ave surge associada a uma grande divindade do panteão é **TOT** (chamado pelos antigos Egípcios Djehuti), que tinha na *Ibis religiosa*, da espécie *Threskiornis aethiopicus*, um dos seus

<sup>7</sup> Segundo os especialistas, eram usadas duas espécies para a representar: *Vanellus vanellus* (que os antigos Egípcios dotavam de braços e mãos humanas, em pose de adoração/ veneração a faraós e/ ou divindades) e *Vanellus tectus*, ou seja, o Abide-comum (ave da família dos caradrídeos) e a Tarambola de cabeça preta (WYATT, 2012, 86, 87). Wyatt apresenta uma esclarecedora comparação entre representações constantes em monumentos egípcios (no caso, na Capela Vermelha de Hatchepsut, no museu ao ar livre de Karnak, e no túmulo de Baket III, em Beni Hasan – BH 15) e as duas aves em causa (Cf. WYATT, 2012, 88).

<sup>8</sup> Se quiséssemos ser exaustivos, ao significativo exemplo de Tuna el-Guebel no Médio Egipto teríamos de acrescentar, citados de norte para sul, Taposíris Magna, Alexandria, Abukir/ Canopus, Buto, Sais, Quesna, Tânis, Athribis, Abu Rauach, Guiza, Heliópolis, Arab el-Tauila, Roda, Sakara, Qasr el-Banat, Abusir el-Malik, Umm el-Baraghat, Ghoran, Heracleópolis, Bahareia, el-Gharag, Bahnasa, Sharuna, Zauiet Barmasha, Zauiet el-Maitin, Beni Hassan, Amarna, Qau, Assiut, El-Shutb/ el-Borsa, Akhmim, Abidos, Dendera, Hu, Qus, Dakhla, Kharga, Tebas, Guebelein, Esna, Edfu, Kom Ombo, Elefantina, ilha de Filae, onde foram sepultados milhões de aves. Veja-se o excelente mapa apresentado por Salima Ikram que cartografa todos os cemitérios de aves mumificadas do antigo Egipto (Cf. IKRAM, 2012, 44). Para se ter uma ideia da quantidade de múmias em causa, recorde-se que nas catacumbas de Sakara se estima em 1,75 milhões de aves e nas de Tuna el-Guebel o número apontado é de pelo menos 1 milhão, pressupondo uma criação extensiva de tais animais para fins votivos (Cf. IKRAM, 2012, 43). Sobre os processos, tecnologias e materiais usados na sua mumificação, ver a mesma Autora (Cf. IKRAM, 2012, 45-47). Vide também DODSON, IKRAM, 1998.



animais sagrados<sup>9</sup>. A ave denotava um acentuado simbolismo lunar: o longo bico curvo para baixo fazia alusão ao crescente da Lua Nova e a sua penugem branca e negra sugeria a alternância entre o crescer e o minguar da Lua<sup>10</sup>. De acordo com esta assimilação, Tot era frequentemente representado com cabeça de íbis (*heb*), sobre a qual ostentava, por vezes, a coroa *atef*, o disco solar, os chifres de carneiro e serpentes *uraeus*. Noutros casos, a cabeça de ave era encimada por um crescente lunar e por um disco solar (SALES, 1999, 70, 184, 185) - Vide Fig. 2.

A iconografia e a literatura egípcias deixam perceber que esta divindade recobria numerosas actividades, funções e atributos. De facto, adorado um pouco por todo o Egipto como deus lunar e do calendário, Tot era considerado o inventor da escrita hieroglífica («palavras do deus», *medu netjer*) e da língua falada pelos homens, das artes, das ciências e do cômputo, das invenções e da sabedoria/ conhecimento, senhor da adivinhação e da magia, mensageiro, arquivista e escriba dos deuses, patrono dos médicos, dos mágicos e dos escribas («os seguidores de Tot», *chemsu Tot*). Os vários epítetos por que é mencionado («Tot, o Grande, o Grande, o Grande» ou «Três Vezes Grande» ou «Trismegistos», «O mais antigo», «O Senhor dos Anos», «O Senhor das Palavras Divinas», «Governante dos Anos», «Contador do Tempo de Vida», «Disco Branco», «O Medidor», «O Coração de Ré», etc.) enfatizam as suas áreas de intervenção e superintendência religiosa e dão conta do seu elevado papel no âmbito da mitologia egípcia.

Para os teólogos de Hermópolis (a egípcia *Khemenu*, «A Cidade dos Oito», a actual El-Ashmunein, no Médio Egipto), o maior centro de culto a Tot, esta divindade era o verdadeiro demiurgo Universal, que, como íbis divina, pôs nas águas do Nun primordial e chocou, logicamente em Hermópolis, o ovo do mundo, o ovo primordial (*suhet*), de onde saíram os oito deuses e todo o Universo<sup>11</sup>. Nesta concepção particular

<sup>9</sup> Além da íbis, o deus Tot tinha também o babuíno (*cynocephalus hamadryas*) como animal-símbolo (Cf. SALES, 1999, 184-186; BLEEKER, 1973).

<sup>10</sup> No Egipto antigo havia três variedades de íbis: a íbis sagrada ou *Ibis religiosa*; a íbis cristada ou *Ibis comata* e a íbis negra ou *Plegadis falcinellus* (Cf. SALES, 1999, 185). O *nomos* 15 tinha a íbis como seu animal-estandarte (Cf. SALES, 1999, 434; WILKINSON 2003, 87).

<sup>11</sup> Os «oito» deuses, a que o nome de *Khemenu* alude, eram os quatro casais (os machos figurados com cabeça de rãs e as fêmeas com cabeça de serpentes) que representavam o mundo anterior à criação, num esquema evocador dos poderes imprecisos e obscuros (infinidade, trevas, abismo e ar/ oculto) que nesse ambiente sem nexos ainda não haviam assumido os contrapontos que eclodiriam com a criação (o espaço delimitado, a luz, o sólido e o visível/ reconhecido): o caos líquido figurado por Nun e pelo seu par feminino Nunet; o ilimitado, que tinha em Hehu e Hehet o seu casal representativo; a escuridão, que se socorria do casal Keku e Keket; o desconhecido, o escondido, os aspectos intangíveis e secretos do caos, simbolizados por Amon e pela sua esposa Amonet (Cf. SALES, 1999, 68, 69; 2012b, 201).

da criação, Tot constituía a cabeça dessa Ogdóade, tendo realizado magicamente toda a obra da criação apenas pelo poder do som da sua voz.

É de realçar, porém, que a cosmogonia hermopolitana apresenta várias versões para o episódio da «Primeira Vez» (*sep tepi*), quando o Universo saiu do caos: uma delas dizia, por exemplo, que o mundo tivera origem no ovo cósmico, mas que este fora posto na colina primordial (o lago sagrado do templo de Hermópolis) por uma gansa celeste que foi a primeira a quebrar o silêncio do mundo e que, por isso, era conhecida como «A Grande Grasnadora» (*gengen uer* ou *negeg uer*)<sup>12</sup>. Esse ovo original encerrava a ave da luz, Ré, que criara o mundo. Outras fontes relatam que o ovo continha ar, o que concorda com mais propriedade com a concepção da Ogdóade. Convincentemente, os restos do ovo eram mostrados aos peregrinos em Hermópolis.

O substantivo nestes relatos é a simbólica intervenção de várias aves (íbis, gansa, ave da luz) nos vários momentos-chave do processo criativo. A explicação da biogénese usa o ovo como metáfora para o estado anterior ao nascimento de todo o ser e do mundo e como símbolo da vida em potência, onde estão contidos todos os gérmes do mundo. O ovo associado às aves é, pois, um recurso natural-cosmo-teológico que os teólogos de Khemenu usaram de forma múltipla, pressupondo a existência de uma ave que seria assim o «primeiro» ser do Universo<sup>13</sup>. Neste sentido, concebe-se um momento anterior à postura do ovo primordial em que a grande ave-mãe estaria sozinha no universo (WILKINSON, 2003, 213).

## 2. Falcões poderosos

As aves de rapina, predadoras, estavam presentes nos antigos céus egípcios e foram igualmente usadas de forma proeminente na associação com várias divindades do


---

<sup>12</sup> Nuns relatos, a ave primígena é descrita como sendo Tot, noutros, porém, é claramente assimilada ao deus Geb (ganso *Anser albifrons*). Pode ser também simplesmente uma gansa do Nilo (*Alopochen aegyptiacus*). O próprio deus Amon de Tebas, que tinha também a gansa (*Anser fabalis*) como seu animal sagrado, foi também apelidado de «A Grande Grasnadora» para enfatizar o seu papel demiúrgico, original e solitário. Apesar de esta representação da gansa amoniana não ser muito comum, dele e da concepção de deus primordial, universal, que lhe está subjacente, subsistem as longas plumas do toucado *chuti* de Amon que se mantiveram como atributo identificador e que surgem praticamente em todas as representações desta divindade como emblema metafórico obrigatório. Cada pluma encontra-se dividida, verticalmente, em duas secções, reflectindo iconograficamente os dualismos típicos e estruturantes da cosmovisão egípcia (Norte/ Sul; Nilo/ deserto; Ocidente/ Oriente; Vida/ Morte; mundo terrestre/ mundo do Além, etc.) e, horizontalmente, em sete segmentos, expressando estes a perfeição, a vida eterna, a ordem espiritual, a totalidade de energias e do poder cósmico. Estas altas plumas são também apanágio do deus itifálico Min, muitas vezes sincretizado com Amon, na forma Min-Amon. Ambos usavam, em consequência, o epíteto de «Alto de plumas» (Cf. SALES, 1999, 217, 306, 309; WILKINSON, 2003, 115).

<sup>13</sup> «*Eu sou o ovo que estava na Grande Grasnadora*», regista um texto dos sarcófagos (TS I, 223).

panteão egípcio. O caso mais notável é seguramente o de **HÓRUS** (*Hor*), o poderoso deus do céu<sup>14</sup>. O falcão hórico (falcão-lanário ou borni, *Falco biarmicus*, e o falcão peregrino, *Falco peregrinus*) foi usado regularmente como ínsigna dos *nomoi* egípcios<sup>15</sup>.

Hórus era considerado no Egito antigo o deus protector da monarquia faraónica, do Egito unificado sob um só faraó do Alto e do Baixo Egito, razão pela qual uma das suas imagens típicas era a de um homem com cabeça de falcão, usando a coroa *pa-sekhemeti*, a dupla coroa, vermelha e branca, do Alto e do Baixo Egito<sup>16</sup> - Vide Fig. 2. O falcão hórico é, pois, assumidamente, uma metáfora da realeza egípcia e desempenhou papel crucial na titulatura real (KOZLOFF, 2012, 60; WILKINSON, 2003, 200).

No início da época histórica, a identificação entre o faraó e Hórus era já total: o faraó *era* Hórus e vice-versa<sup>17</sup>. Os soberanos terrestres do Egito eram considerados como uma reencarnação do deus tutelar da monarquia. O deus com cabeça de falcão era identificado com o *ka* do faraó<sup>18</sup>. Não é de surpreender, por isso, que o primeiro dos cinco nomes do protocolo real ou titulatura real egípcia, logo desde o período dinástico, fosse precisamente «O Nome de Hórus» (*Hor*), , inscrito no *serekh*, representação estilizada da fachada do primitivo palácio, do túmulo real ou da porta falsa, designando o rei como encarnação terrestre do antigo deus-falcão (SALES, 2015, 53-55), e que o


<sup>14</sup> O nome egípcio de Hórus, *Hor*, significa «O elevado» ou «O afastado», o que se adapta extremamente bem a um deus voador e que plana bem alto no céu como é o falcão. A própria similaridade com o termo egípcio para «céu» (*heret*) reforça a ideia de Hórus como «Senhor do Céu».

<sup>15</sup> O falcão surge nas insígnias dos *nomoi* 2, 5 e 18 do Alto Egito (no caso do *nomos* 5 são mesmo figurados dois falcões) e dos *nomoi* 3 e 20 do Baixo Egito (Cf. SALES, 1999, 433-436; WILKINSON, 2003, 86, 87).

<sup>16</sup> Em muitas representações, Hórus é representado com corpo de homem encimado por uma cabeça de falcão, com um pequeno bico recurvado para baixo, mas podia também surgir simplesmente como um falcão. Outras representações apresentam-no igualmente com as grandes asas abertas, com o disco solar no centro, formando um tipo decorativo muito utilizado nas arquitraves dos templos egípcios. Nesta representação do disco solar, enquadrado por dois *uraei* e provido de asas de falcão, o deus é chamado Hórus Behedeti, ou seja, a forma adorada em Edfu, localidade do Alto Egito denominada em egípcio Behedet. Há igualmente representações iconográficas que mostram Hórus Behedeti como falcão, suspenso sobre o faraó, segurando nas suas garras o cetro *nekhakha* e o símbolo *ankh*.

<sup>17</sup> Do ponto de vista artístico é notável a estátua de diorite do faraó Khafré (IV Dinastia), originalmente erigida no Templo do Vale, em Guiza, junto da grande esfinge, hoje no Museu do Cairo (JE 10062/ CG 14), que mostra o faraó entronizado, numa posição relativamente rígida, protegido por um pequeno falcão hórico na sua nuca. De asas abertas, o falcão protege o faraó e, por um inteligente jogo de linhas, as asas «fundem-se» com as abas do *nemes*. Sugere-se, assim, magistralmente, a união natural e indissolúvel entre o divino e o real, entre o animal e o humano. O falcão Hórus e o Hórus faraó são, assim, plástica e ideologicamente, completamente identificados/ assimilados.

<sup>18</sup> Hórus era concebido como o antepassado arquetípico de todos os faraós históricos, vencedor teórico sobre os seus inimigos, numa definição conceptual que o nome real protocolar proclamava e reivindicava.



terceiro fosse «O Nome de Hórus de Ouro»,  *Hor nub*, justaposição dos signos hieroglíficos do ouro e do falcão, evocando para muitos autores um acontecimento histórico-mitológico: a vitória de Hórus sobre o tio Set, que lhe tentara roubar a herança do trono<sup>19</sup>.

As figurações hieracocéfalas são comuns a todas as variantes solares e osirianas de Hórus, como sejam *Hor Uer* ou *Haroéris* («Hórus, o Grande» ou «Hórus, o Antigo»), *Horkhenti-irti* ou *Hormenti* («Hórus, o que tem dois olhos na cabeça» ou «Hórus dos dois olhos»), *Hor Nubti* («Hórus vencedor»), *Horakhti* («Hórus dos dois horizontes», muitas vezes identificado com Ré na forma Ré-Horakhti<sup>20</sup>) e *Horsaiset* ou *Harsiésis* («Hórus, filho de Ísis»).

Antigo deus principal da região tebana, com santuário em Hermontis (egípcia Iuni), **MONTU**, «O Selvagem», era um deus guerreiro, representado como uma figura masculina com cabeça de falcão encimada pelo disco solar com o *uraeus* ou os *uraei* e duas longas plumas. Por vezes, surge também nas representações iconográficas munido da *khepech* (pequena cimitarra curva), com a qual decapita os inimigos do faraó. Muitas cenas mostram-no oferecendo esta arma ao faraó, o mesmo é dizer, transmitindo-lhe a invencibilidade, a vitória, a protecção, o poder.

Pela forma hieracocéfala, pela função militar, pela protecção à monarquia (como instituição) e ao Egipto (como entidade geográfica), Montu e Hórus são frequentemente aproximados na mitologia egípcia - **Vide Fig. 3**. A opção por uma ave de rapina especializada no voo em velocidade nos altos céus egípcios que tudo vê, domina e controla é uma metáfora eficaz e inteligível<sup>21</sup>.

**SOKAR** ou **SOKARIS** era um deus dos mortos que presidia à 4ª divisão do *Am-Duat*. O seu nome significa «O que está encerrado», isto é, o sol da noite que


<sup>19</sup> Outros dois nomes da titulação real egípcia surgem directamente associadas aves: a) o Nome de Nebti ( *Nb.ty*, «o das Duas Senhoras»), expressando a noção de uma realeza dual, numa referência directa a uma altura em que o Egipto esteve dividido em Baixo Egipto e Alto Egipto, cada um sob a protecção de uma deusa ou «senhora»: a deusa-cobra do Delta, Uadjit (de Dep ou Buto), e Nekhebet, a deusa-abutre de Nekhebet (el-Kab), no Alto Egipto. É um Nome facilmente identificável pela imagem de um abutre e de uma cobra, lado a lado, cada um sobre um cesto-*neb*; b) o *nomen* (nome de nascimento ou nome próprio do faraó) que surgia dentro de uma cartela e que é, em geral, o nome mais conhecido do faraó. Era antecedido pelo título «Filho de Ré» (*Sa Ré*), em que a palavra «filho» (*sa*) é escrita com recurso a um hieróglifo em forma de pato - Gardiner, G 39:  (Cf. SALES, 2015, 56).

<sup>20</sup> Na forma solar e de potência combinada, Ré-Horakhti apresentava igualmente fortes laços com a realeza: era ele que controlava o Egipto, como falcão ou como homem com cabeça de falcão, com o disco solar sobre ela, a que se enrolava a cobra *uraeus*.

<sup>21</sup> De igual forma, a identificação de Montu com o touro, outro dos seus animais sagrados (touro Bukhis), desempenha as mesmas valências de agressividade e dominação (Cf. SALES, 1999, 208).

temporariamente fica como que sepultado. Era adorado num santuário chamado Rosetau, «as portas do corredor», que, como o próprio nome indica, comunicava com o Mundo do Além, segundo a cosmovisão egípcia. Das suas formas destacam-se a de falcão — era a encarnação do falcão peregrino (*Falco peregrinus*) — ou de homem mumiforme com cabeça de falcão encimada por uma coroa *atef*. Tinha como principal centro de culto a necrópole de Mênfis, Sakara, onde já era adorado na época pré-dinástica. Durante o Império Antigo é frequentemente representado sentado num trono segurando o ceptro *uas* e o símbolo *ankh*. No Império Novo aparece hieracomorfo e mumiforme, segurando os ceptros *uas*, *hekat* e *nekhakha* - Vide Fig. 3.

Divindade das trevas e dos abismos em Mênfis, «Senhor das Regiões Misteriosas», este deus hieracomorfo, além de guardião do túmulo, era uma divindade patrona dos artesãos. Quer por estas funções quer por ser deidade da mesma cidade, Sokar foi identificado com Ptah e com Osíris, vindo a assumir as formas sincréticas de Ptah-Sokar, Osíris-Sokar e Ptah-Sokar-Osíris, tendo perdido, porém, muitos dos vectores essenciais da sua natureza. Os sacerdotes de Ptah, numa clara tentativa de subordinarem todas as outras divindades ao seu deus, acabaram por proclamar que Sokar tinha sido criado por Ptah e incentivaram a sua adoração sob a forma compósita Ptah-Sokar, permitindo a Sokar alcançar prestígio pela sua ligação com Ptah e a Ptah assumir alguns dos traços funerários de Sokar. Esta divindade menfita foi, não obstante, suplantada e eclipsada por Osíris, enquanto deus dos mortos e as similaridades entre Sokar e Osíris terão facilitado a sua ligação, no Império Médio, sob a tripla forma Ptah-Sokar-Osíris cuja popularidade durou pelo menos até ao Império Novo. Esta tríade singular representava a criação (Ptah), a morte (Sokar) e a ressurreição (Osíris).

O grande festival em honra de Sokar realizava-se em Mênfis, anualmente, no dia 26 do mês de Khoiak (meses de Outubro/ Novembro, segundo o calendário gregoriano), 4º mês da estação *Akhet*, antes do início do Inverno egípcio. Sokar era carregado aos ombros de 16 sacerdotes em solene cortejo religioso na sua barca sagrada, a barca *Henu*, de formato excepcional, como sugere o próprio hieróglifo determinativo ()<sup>22</sup>. Dois

<sup>22</sup> As cenas do Festival de Sokar que estão representadas no templo de Medinet Habu constituem a fonte mais completa que se conhece sobre esse evento. Ver representação da barca *henu*, segundo um relevo existente no templo de Seti I, em Abidos, XIX Dinastia, em WILKINSON, 2003, 210. A barca *henu* era, com efeito, muito característica: à proa figuram uma cabeça de touro (*Bos aegyptiacus*), uma cabeça de antílope (*Oryx beisa*), o peixe-*inet* (*tilapia nilotica*) e uma série de seis pequenas aves que podem ser de falcões (*Falco peregrinus*) ou mesmo andorinhas (*Hirundo transitiva* ou *Hirundo rustica savignii*), que estão alinhadas em frente à cabine por cima dos remos, como se fossem a tripulação da barca *Henu*. À cabeça de bovino liga-se uma corrente que pende verticalmente da embarcação. O antílope está virado

rituais desse festival (a lavra da terra e criação de gado), sugerem que originalmente Sokar apresentava características de divindade agrícola, da fertilidade, criador da vida das plantas, o que sustentou a sua identificação com Osíris.

Na cidade egípcia de Pe, no Delta, os chamados **BAU DE PE**, habitualmente traduzidos como «almas» ou «espíritos», eram figurados igualmente com cabeças de falcão, simbolizando os governantes pré-dinásticos do Norte do Egito, encarados como ancestrais protectores da monarquia (WILKINSON, 2003, 89, 90). Segundo os *Textos das Pirâmides* (TP 1004-1007), os *bau* de Pe eram adjuvantes de Hórus, tendo mostrado furiosamente a sua indignação com o assassinato de Osíris e incitando fortemente o jovem Hórus à vingança. A similaridade morfológica destas divindades, ou seja, as formas hieracocéfalas ou hieracomorfas, facilitou esta assimilação. A forte ligação dos *bau* de Pe a Hórus e, através deste, ao faraó seu representante na terra, deriva também da doação feita pelo deus-Sol Ré a Hórus da cidade de Pe, como recompensa pela injúria infringida ao seu Olho na luta pelo trono do Egito - Vide Fig. 4.

Em muitas regiões do Egito, o sincretismo religioso assimilou Hórus a um outro deus falcão chamado **SOPEDU**, senhor do Este e das fronteiras orientais (ZIVIE-COCHE, 2011, 2). Sendo um deus que fazia parte integrante do panteão egípcio desde épocas recuadas era, sobretudo, adorado no *nomos* 20 do Baixo Egito, chamado Per-Sopedu («A Morada de Sopedu»), na zona noroeste do Delta, perto de Uadi Tumilat, actual Saft el-Hinna, cuja insígnia o representa como falcão com duas plumas na cabeça e cuja designação é precisamente «Falcão Plumado de Sopedu» (WILKINSON, 2003, 87).

Segundo os *Textos das Pirâmides* (TP 215), Sopedu detinha uma natureza astral, sendo originalmente símbolo da luz zodiacal, visível no céu da manhã e da tarde. Estamos, portanto, perante um deus que se apresenta hieracomorfo, embora também pudesse conhecer representações antropomorfas, como dominador do deserto oriental e protector dos interesses egípcios na Península do Sinai.

Também o filho de Mut e de Amon, em Karnak, o deus **KHONSU**, podia ser representado antropomorfo com cabeça de falcão, com ou sem o penteado da infância e da juventude. Sobre a cabeça de falcão ostenta muitas vezes o crescente lunar e o disco solar, aludindo ao seu papel como deus da Lua. A própria Lua era conhecida como

---

para a popa e o peixe-*inet* anicha-se no seu pescoço. Na parte central da embarcação ficava o oratório de Sokar, denominado *Chetaiet*, coberto por um véu ou um objecto cónico no cimo do qual se encontrava uma cabeça de falcão coroada com o Sol. À popa colocam-se três pequenos lemes. Sokar tinha um duplo feminino, Sokaret («Sokar fêmea»), cuja presença nos rituais funerários está também bem atestada.

«Khonsu, o jovem forte». Nesta representação hieracocéfala, é assimilado a Hórus (Khonsu-Hor) - Vide Fig. 3.

**NEMTI** (antes mencionado como Anti), «O Errante», era um deus-falcão do Alto Egípto, com particular relevo nos 10º, 12º e 18º *sepaut*, sendo inclusive, neste último, cuja capital era Hut-nesu, representado na insígnia-baluarte da região (WILKINSON, 2003, 86, 205). Também segundo os *Textos das Pirâmides*, na qualidade de divindade hieracomorfa, Nemti foi assimilado a outros deuses falcões como Hórus (na sua forma de falcão de ouro, *Hor Nebu*), Sokar (de quem era o supervisor da navegação da barca *henu*), Dunauy («Aquele que estende os braços = asas») e Dunanuy («Aquele que estende as garras»). Os *Textos dos Sarcófagos*, por sua vez, caracterizam Nemti como supervisor da barca *henu* de Sokar. Nos textos tardios surge já como o barqueiro que transporta Ré e os outros deuses (WILKINSON, 2003, 200, 204).

O falcão era também uma das aves-símbolo de **IAH**, o deus da Lua. As manifestações iconográficas deste deus podiam incluir igualmente o crescente da Lua Nova ou então a íbis. O falcão e a íbis são aves que surgem associadas, como vimos, a outras divindades lunares como Tot a Khonsu (SALES, 1999, 235).

**KEBEHSENUEF** era um dos chamados «filhos de Hórus» (que se diziam fruto das relações amorosas de Hórus com a sua mãe Ísis) que superintendia ao vaso de vísceras onde eram depositados os intestinos, víscera que, depois de retirada do interior do corpo humano no momento da mumificação, era cuidadosamente envolta em linho impregnado de gomas e aromatizantes, antes de ser colocada no vaso adequado<sup>23</sup>. A tampa de tal vaso que ficava sob a sua guarda e protecção tinha o seu rosto: uma cabeça de falcão - Vide Fig. 5. Em muitas representações de vinhetas de papiros funerários, designadamente da cena da pesagem do coração no Tribunal osiriano do Além, surge, com os restantes filhos de Hórus (Imseti, Hapi e Duamutef), sobre uma flor de lótus (elemento solar), colocada normalmente diante do entronizado Osíris, juiz dos mortos (SALES, 1999, 354, 355, 357; WILKINSON, 2003, 85).

O seu nome parece significar «Aquele que refresca o seu irmão», sendo este o próprio defunto. Por outorga parental, Kebehsenuef era um dos quatro pilares que suportam o céu, sendo os seus irmãos os restantes. O canto da terra ou ponto cardeal e também a parte correspondente do céu que lhe estava entregue era o oeste (SALES, 1999, 356; WILKINSON, 2003, 88).

<sup>23</sup> Os «filhos de Hórus», desde sempre com importante papel nas actividades de carácter funerário, integravam a terceira Enéade de Heliópolis.

Muitas vezes agindo como uma manifestação de Hathor ou de Ísis, a deusa **IMENTET**, deusa das regiões ocidentais que personificava as necrópoles da margem esquerda do vale do Nilo, possuía uma iconografia própria, independente: antropomorfa, tinha o falcão sobre a cabeça, como signo hieroglífico para «Oeste», *Imentet* (WILKINSON, 2003, 145) - Vide Fig. 6.

**ACH** era um deus dos confins do deserto líbico, apropriadamente chamado «Senhor da Líbia». Era representado em forma humana ou antropomorfo com cabeça de falcão<sup>24</sup>. Como deus da areia vermelha do deserto, cabia-lhe controlar as produções dos oásis, de forma a garantir ao faraó a prosperidade e a abundância do Egípto.

Na região de Coptos, no 5º *nomos* do Alto Egípto, o deus **MIN** era representado também como um falcão, apesar de este não ser o seu aspecto tradicional. A insígnia deste *nomos* mostra dois falcões, aludindo justamente a Hórus e a Min (Sales, 1999, 435; WILKINSON, 2003, 86, 115, 116).

**HAURON** era um obscuro deus ctónico, das cavernas, das montanhas e do deserto, segundo a mitologia de Canaã, que protegia das serpentes e dos escorpiões, bem como de todos os inimigos que, provenientes do deserto, invadiam o Egípto (VAN DIJK, 1989, 62, 63). Era tido como filho da deusa Astarte. A partir do Império Médio surge atestado em textos egípcios, mas só no Império Novo (reinado de Amenhotep II) foi adoptado como divindade do panteão egípcio, sendo conhecido como o «pastor vitorioso» (ZIVIE-COCHE, 2011, 2, 3). Nas fontes egípcias, Hauron é identificado com o deus-criança arqueiro Ched, «o Salvador», uma hipóstase de um aspecto de Hórus<sup>25</sup>. Sem se perceber muito bem porquê, foi associado à Grande Esfinge de Guiza, ou seja, ao deus Harmakhis («Hórus do Horizonte»), talvez em razão da presença na área de trabalhadores oriundos do corredor siro-palestinense ou ao simples facto de, na altura da sua edificação, o monumento se encontrar no deserto ou devido a conexões mitológicas que hoje não se conseguem descortinar (VAN DIJK, 1989, 65).

Iconograficamente, Hauron podia ser representado como um homem armado ou, como surge numa conhecida estátua, em granito, da sala 10 do Museu Egípcio do Cairo

<sup>24</sup> Há também representações em que surge com a cabeça do animal de Set, o que parece derivar da relação de ambas as divindades com o deserto (Cf. WILKINSON, 2003, 98). Noutras representações, Ach podia também ser mostrado como um leão, um abutre ou com cabeça de serpente (WILKINSON, 2003, 98).

<sup>25</sup> Amuletos de Deir el-Medina mostram Hauron e Ched com os nomes de Hauron-Ched e Ched-Hauron, respectivamente. Ambos estavam relacionados com uma forma de Hórus conhecida como *Hor neb khasut* ou *Hor heka kahsut*, isto é, «Hórus, senhor do deserto» ou «Hórus, governante do deserto» (Cf. VAN DIJK, 1989, 62, 63).



(JE 64735) em que protege a criança Ramsés II, como um falcão<sup>26</sup>. Estelas votivas, mostram também o deus como um falcão num pedestal em forma de santuário, segurando um *uraeus* com as suas garras (WILKINSON, 2003, 108, 109; VAN DIJK, 1989, 64).

O deus **MANDULIS**, deus solar da Baixa Núbia, que também admitia a representação antropomórfica, com uma coroa de discos solares e serpentes ladeando altas plumas assente em chifres de carneiro horizontais, distingue-se dos outros deuses atrás enunciados no que diz respeito à representação bimórfica: não tem uma cabeça de falcão a encimar um corpo humano, mas antes uma cabeça humana a encimar um corpo de falcão (WILKINSON, 2003, 114, 115) - Vide Fig. 7.

As duas irmãs **ÍSIS E NÉFTIS**, no desempenho das suas funções fúnebres junto do irmão e esposo Osíris, eram associadas ao falcão peneireiro (*Falco naumanni* e *Falco tinnunculus*)<sup>27</sup> e ao milhafre negro (*Milvus migrans*)<sup>28</sup> - Vide Figs. 8 e 9. Símbolo do amor e da fidelidade conjugal, foi Ísis que, após Set ter despedaçado o corpo do seu irmão-marido Osíris em catorze pedaços e espalhado os despojos por todo o Egípcio, os procurou, com a ajuda de Néftis e de Tot, acabando por conjugá-los de novo, de forma a restituir o sopro vital do deus-marido. Na lenta demanda das deusas-irmãs pelos pedaços do corpo decepado, apenas o falo de Osíris não foi encontrado. Set, castigando particularmente essa parte do corpo de Osíris, deitara-o ao Nilo onde foi devorado pelo peixe oxirinco (PLUTARCO, 1995, 29). Com as suas poderosas habilidades mágicas, a deusa-viúva conseguiu produzir um pénis artificial, devolver energia ao esposo («*deu força àquele que estava inerte*», como diz um hino do Império Novo) e conceber dele um filho: Hórus (DUNAND, 2000, 15).

Esta concepção milagrosa, uma vez que o marido se encontrava morto, que faz de Ísis uma deusa da magia e da fertilidade, surge representada iconograficamente em

<sup>26</sup> A estátua tem 2,31 m de altura e foi encontrada, em Tânis, em 1934, por Pierre Montet. Ramsés II, criança, é representado nu, sentado, com o dedo indicador da mão direita na boca e com a trança de cabelo caída sobre o ombro direito, na típica iconografia da criança na arte egípcia. A face da divindade apresenta o pormenor de ser feita em calcário e de ter sido acrescentada mais tarde (Cf. REEVES, 2000, 189, 190). Rainer Stadelmann sugere que a proveniência original da estátua era Guiza, relacionando-a com vários monumentos de Ramsés II no *temenos* da Grande Esfinge. Para este Autor, a estátua teria sido originariamente erigida numa capela entre as patas da Grande Esfinge. A tese tem sido rejeitada e tem sido apontada, antes, a cidade de Pi-Ramsés como localização original, como acontece com a maioria dos destroços encontrados em Tânis (Cf. VAN DIJK, 1989, 64; ZIVIE-COCHE, 2011, 3, 4).

<sup>27</sup> As designações específicas do género *Falco* são um pouco flutuantes e, por isso, o *Falco naumanni* também é designado por peneireiro-das-torres e o *Falco tinnunculus* como peneireiro-vulgar que são, no fundo, espécies de falcões peneireiros.

<sup>28</sup> Ísis e Néftis eram conhecidas como «as duas milhafres», Drty. A primeira era a «Grande Milhafre», enquanto Néftis era a «Pequena Milhafre». As duas deusas podiam ser representadas também como andorinhas (em egípcio, *beni* – G36).

várias cenas artísticas codificadas (ex.: baixos-relevos do templo de Seti I, em Abidos, de Ísis, em Filae, ou de Hathor, em Dendera). A deusa assume, então, a forma de falcão-fêmea, suspensa ou pousada, sobre o artificial falo erecto do marido morto e nessa forma animal ocorre a inseminação (SALES, 1999, 126, 127; 2009, 66, 67). Desta cópula especial e miraculosa só podia nascer um ser excepcional: Hórus, o herdeiro do trono e futuro protótipo de todos os faraós, meio humano, meio falcão (antropomorfo com cabeça de falcão) - Vide Fig. 10.


Além de dedicada e fiel esposa, Ísis é também reverenciada e respeitada como divina carpideira: no cumprimento da acção de choro e lamento do marido, surge também como falcão, acompanhada pela irmã Néftis, e com as suas longas asas de plumas protegem o morto Osíris, uma à cabeceira (Ísis) e outra aos pés (Néftis)<sup>29</sup>. As duas deusas podem mesmo ser mostradas antropomorfas, mas dotadas de compridas asas. As asas das aves são um excelente símbolo de protecção e evocam, de facto, o conceito de protecção que genericamente se associam ao comportamento das aves adultas em relação às suas crias (SHONKWILER, 2012, 49)<sup>30</sup> - Vide Fig. 9.

Quer nas cenas de inseminação mágica, quer nas do carpir fúnebre, o recurso a uma ave, ao seu esvoaçar ou à produção de ar/ vento pelo agitar das asas é, novamente, muito adequado pela imagética que sugere e suporta. São inúmeros os motivos na joalheria, na estatuária e no mobiliário fúnebre que mostram Ísis e Néftis neste papel de aladas dadoras e protectoras da vida.

### 3. Abutres eficazes

Divindade protectora do Alto Egipto e da realeza, **NEKHEBET** surge representada na iconografia egípcia como uma mulher com um toucado ou com cabeça de uma outra ave de rapina, o abutre, ou, mais frequentemente, como um abutre usando a coroa *hedjet* (símbolo do Alto Egipto), representação alada ideal para uma deusa que se considerava a «Senhora do Céu Meridional». Assim, iconograficamente, a deusa é habitualmente representada de asas abertas, sinal de protecção (do rei e/ou do Egipto), agarrando

<sup>29</sup> Não obstante surgirem hieracomorfas, ambas as deusas surgem também nesta cena dos funerais do deus da vegetação antropomorfas e, por inerência, de qualquer morto a ele identificado. A associação de ambas as deusas com Osíris em contexto fúnebre fez delas figuras obrigatórias nas cenas da psicostasia no tribunal do mundo inferior. São inúmeras as vinhetas do *Livro dos Mortos* que as representa, lado a lado, atrás do trono de Osíris.

<sup>30</sup> O próprio termo *meki*, «proteger», é grafado na escrita hieroglífica com recurso a um abutre de protectoras asas abertas ().

símbolos de eternidade com as suas fortes garras. Os abutres associados a Nekhebet eram o *Gyps fulvus*, o grifo, e o *Torgos tracheliotus*, também conhecido como abutre núbio (HOULIHAN, 2001, 191; KOZLOFF, 2012, 61) - Vide Fig. 11.

Como deusa tutelar do Alto Egipto e patrona da realeza, a actividade da deusa-abutre Nekhebet deve sempre ser vista em parceria com a deusa Uadjit, a deusa-cobra tutelar do Baixo Egipto e também patrona da realeza. O «Nome das Duas Senhoras» (*Nebti*) das titulaturas faraónicas era, como referimos, uma directa alusão a estas duas divindades (SALES, 2015, 56). Surgiam ambas na frente real, formando uma divisa heráldica de primeira grandeza e eficácia no âmbito da simbólica faraónica egípcia: defendiam o monarca e asseguravam a sua protecção, quais mães protectoras, ameaçando e/ou agredindo (como os abutres fêmeas fazem em relação às suas crias) todos os seus eventuais opositores. Várias deusas (ex.: Uadjit, Mut e Neit) e rainhas egípcias são representadas na arte egípcia com um toucado em forma de abutre, evocando e prefigurando assim a deusa Nekhebet como símbolo e arquétipo da maternidade<sup>31</sup>.

Originalmente representada como um abutre (*Aegyptius tracheliotus*), **MUT**, «A Mãe», grande deusa de Tebas, esposa de Amon, podia também ser figurada inteiramente antropomorfizada, usando na cabeça a *pa-sekhemeti*, a dupla coroa vermelha e branca, símbolo de união do Alto e do Baixo Egipto, simplesmente colocada na cabeça ou sobre um toucado em forma de abutre (TE VELDE, 1997, 457, 458). No entanto, até ao final do Império Novo, Mut é sempre representada antropomorfa ou com cabeça de leoa. Só a partir daí a deusa surge como abutre (TE VELDE, 2008, 242; 1979-1980, 4, 5). Entre os seus epítetos figura o de «Senhora do Céu» (*neb pet*), que é entendida como uma alusão à sua forma de abutre voador. É ela, nesse atributo, que confere a imortalidade ao faraó como soberano do Egipto - Vide Fig. 6.

#### 4. Avestruzes, pelicanos e outras aves

**TATENEN OU TATJENEN**, o mais antigo deus de Mênfis, era representado como um homem com barba postiça, sentado, que usava sobre a cabeça duas penas de avestruz e o disco solar sobre um par horizontal de chifres de carneiro. Como o seu

---

<sup>31</sup> É de mencionar aqui o jogo fonético a que o termo *mut* (*mwt*) se presta em egípcio antigo: tanto designa «abutre» como «mãe».

próprio nome deixa antever, este deus-terra era identificado com a «terra elevada», a colina primordial oriunda das águas primordiais, quer dizer que encarnava as profundezas da terra que, no início do Cosmos, emergiram do Nun, o caos líquido. Era, pois, o fundamento da vida e a vegetação, dele procedendo, em consequência, todos os seres e todas as coisas.

Personificação antropomórfica da Verdade, da Justiça e da Harmonia Universal, **MAET** era no antigo Egípto a potência, o princípio metafísico, que, segundo a concepção egípcia, mantinha o mundo na sua regrada continuidade. Representada como uma mulher, de pé, sentada ou com um dos joelhos em terra, apresenta, fixada numa fita da sua cabeleira, uma pluma de avestruz, que é o seu principal signo identificador. A avestruz (*Struthio camelus*) e as suas plumas são, por isso, uma metáfora animal para Maet<sup>32</sup>. Em muitas representações, a simples figuração da pluma simboliza a sua presença e actuação. Tal é particularmente visível nas representações da psicostasia, em que, num prato da balança, a sua pluma contrabalança com o coração do defunto. Se, contra a leve pluma, o coração, sede do pensamento, pesasse mais, era a demonstração inequívoca de que as declarações de veracidade e inocência proferidas pelo morto eram falsas e de que o destino inevitável era ser devorado pela deusa-monstro Amut. A actuação de Maet em contextos fúnebres fez com que a deusa seja, por vezes, representada alada. O divino agitar das asas permitia transmitir o fôlego de vida ao defunto e, assim, conferir-lhe vida eterna no Além (WILKINSON, 2003, 151).

**HENET** era uma divindade pelicano, benéfica, conhecida e venerada deste o Império Antigo. Nos *Textos das Pirâmides* (TP 511) é chamada «mãe do rei». A função protectora que lhe está associada deriva da capacidade do pelicano (*Pelecanus crispus*) para apanhar da água peixes e outros elementos considerados nefastos e hostis (WILKINSON, 2003, 213).

A lavandisca amarela, *Motacilla flava* era usada no antigo Egípto como símbolo das divindades solares de Heliópolis, sobretudo Atum (TP 1652), mas, no Império Novo, a **AVE-BENU** passou a ser representada pela garça-real cinzenta (*Ardea cinera*), de longas patas, comprido bico e extensa crista de duas penas<sup>33</sup>. Por vezes, a ave surge

<sup>32</sup> Recorde-se que também o deus Chu tinha a pena de avestruz como um dos seus símbolos, que, aliás, compunha o seu nome em hieróglifos. Por vezes, esta pena simples podia dar lugar a quatro longas plumas simbolizando os quatro pilares do céu.

<sup>33</sup> A *ave-benu* podia também ser representada de forma híbrida: homem com cabeça de garça-real (Cf. WILKINSON, 2003, 212).

também ostentando a coroa *atef*, enquanto símbolo de Osíris. A *ave-benu*, como referimos antes, identificava-se, portanto, com Atum, Ré e Osíris.

A frequente representação da *ave-benu* em vinhetas do *Livro dos Mortos*, em amuletos e noutros objectos demonstra a sua persistência como importante divindade associada aos costumes e aos contextos fúnebres. A lenda mais antiga sobre esta ave narrava que ela surgira nos céus do Egipto no começo da inundação, sendo considerada um símbolo da futura e desejada abundância. Ao chegar a Heliópolis, a ave imolava-se sobre o altar e das suas cinzas nascia uma nova ave. Foi assim que se tornou o protótipo para a fénix dos Gregos. Pela ideia de longa vida que lhe estava associada, o Benu egípcio era apelidado «Senhor dos Jubileus» - Vide Fig. 12.

## 5. As aves nas tríades divinas


As tríades divinas, o mais frequente agrupamento de divindades egípcias, guardam também, naturalmente, testemunho da presença/ utilização das aves, pois muitos dos deuses antes recenseados integravam essas famílias, com estatutos variados, mesmo quando os outros deuses não eram aves. Em Abidos, Filae e Behbeit el-Hagar, o filho de Osíris e de Ísis era Hórus, cuja representação habitual é de um homem com cabeça de falcão; Hórus era também o deus-filho em Naqa, onde o pai era Apedemak e a mãe Ísis, e no Faium, sendo aqui Sobek o deus-pai e Renenutet a mãe; em Edfu, Hórus com cabeça de falcão volta a surgir, desta feita como par de Hathor e pai de Harsomtus.

Outro deus hieracocéfalo egípcio era Hor Uer, esposo de Taseneferet e pai de Panebtaui, em Kom Ombo; também Montu, deus de Tebas, admitia a representação hieracocéfala, sendo o pai nas tríades de Hermontis (a esposa era Tjenenet e o filho Harpré) e de Nag el-Madamud (a esposa era, neste caso, Rettau e o filho Horpakhered); em Karnak e Luxor, a deusa Mut era a mãe, tendo como animal sagrado, objecto ou atributo o abutre, numa tríade em que Amon desempenhava o papel de pai e Khonsu ele próprio, muitas vezes, representado com cabeça de falcão, o de filho; Geb, o deus que tinha como símbolo o ganso, embora sem ter um lugar geográfico específico, era o membro-pai de uma tríade divina que englobava também Renenutet como esposa e Neheb-kau como filho (SALES, 2012a, 120; WILKINSON, 2003, 83).






## II. As aves: metalinguagem conceptual - o *ba* e o *akh*

Além destas facetas de presença das aves em plena associação com grandes divindades do panteão egípcio e em várias das suas famílias divinas típicas, é possível vê-las também usadas simbolicamente para exprimirem alguns conceitos maiores do pensamento religioso egípcio. Estão neste domínio as aves *ba* e *akh*.


Segundo a concepção egípcia, o *ba* era um elemento do composto humano, intelectual, de mediação, que nos surge, por vezes, de forma enigmática<sup>34</sup>. Embora pertencesse ao domínio psíquico, o *ba* abrangia todos os aspectos do indivíduo no domínio da personalidade e do desejo sexual, estendendo-se o seu campo de actuação também ao domínio físico. O *ba* do homem vulgar vinha à existência com a morte, num processo de natureza bem corpórea, se os rituais fúnebres e as oferendas funerárias tivessem sido correctamente desenvolvidos e desempenhados, permitindo-lhe realizar todas as funções vitais, como comer, beber e copular.

Na escrita hieroglífica, o mais antigo e o mais usado signo para grafar este elemento da personalidade humana é a cegonha  (G29). O recurso a uma ave é muito apropriado, uma vez que um dos principais atributos do *ba* era justamente a sua faculdade de se deslocar do túmulo para a luz e vice-versa, sendo, por isso, um elemento muito importante para compreender a noção egípcia de imortalidade, pois era ele que realmente a proporcionava<sup>35</sup>.

Depois da crise que fez colapsar o regime político-social do Império Antigo, verificou-se uma «demotização» do *ba* e, em consequência, do acesso à imortalidade («demotização da esperança de vida no Além»). A partir do Império Médio, o *ba* deixou de ser uma propriedade exclusiva do faraó. Passou a ser uma personificação das forças vitais, físicas e psíquicas, do defunto, o seu *alter ego*, um dos modos de existência ou manifestações (*kheperu*, em egípcio) no qual continuava a viver depois da morte (ZABKAR 1975, col. 588; JANÁK, 2013c, 125). Neste processo, o *ba* ganhou contornos mais definidos, passando a ser representado com a sua iconografia típica: uma ave

<sup>34</sup> Jan Assmann afirma mesmo «*Ba* is an enigmatic concept» (Assmann, 2001, 239). No âmbito da tradicional concepção antropológica e filosófica egípcia, o Homem tinha vários aspectos na sua existência além do *ba*: o corpo (, *khet*), o *ka* (, *ka*), o nome (, *ren*), o coração-*ib* (, *ib*) e a sombra (, *chut*) – Cf. SALES, 2014b, 131-164; ALLEN, 2001; ZABKAR, 1968).

<sup>35</sup> Esta ave não deve ser confundida com o jabiru americano (*jabiru mycteria*), como fez Gardiner, em 1950, na p. 470 da sua *Grammar* (JANÁK 2014, 2).

(falcão ou jabiru) com uma cabeça humana (, G53<sup>36</sup>), ostentando a barba típica dos deuses, sinal da sua natureza divina (JANÁK 2014, 2; SOUSA 2012, 49)<sup>37</sup>. A partir da XVIII dinastia, nas representações iconográficas a duas ou três dimensões, o *ba* passou a ser representado como um pequeno falcão com cabeça humana, homónima do defunto, e frequentemente com braços e mãos humanas. Os baixos-relevos mostram-no amiúde estendendo as suas mãos sobre o coração do morto, num gesto vivificador.

A inversão das relações cabeça-corpo e animal-homem, no fundo do esquema mais comum dos seres divinos, é importante. A variante da ave com cabeça humana na qual o defunto incarna atesta que este tinha acesso a um poder que não era natural: o de se deslocar livremente nos ares, de ascender ao céu, de atingir o mundo dos deuses (MEEKS, 1986, 182). A liberdade de movimento do *ba* no reino da Duat (o Além) e entre mundos (Aquém e Além) amplia-se, vector que a iconografia traduz, de maneira bem conseguida, através do símbolo da ave com cabeça do defunto. O defunto, através da sua ave, podia viajar na barca de Ré, empoleirar-se numa árvore, refrescar-se à sombra de uma árvore sagrada, perto de um lago ou num aprazível jardim, bebendo a água da vida. O *ba* podia também «refrescar-se» com as brisas e os odores perfumados (os «doces ventos») resultantes das fumigações com incenso (*setetjer*) e outras essências.


A ave podia voltar, sempre que o pretendia, ao corpo mumificado, pousar ou esvoaçar sobre ele, como surge amplamente demonstrado em inúmeras pinturas tumulares do Império Novo, em vinhetas do *Livro dos Mortos* ou em estatuária tumular, transferindo para o defunto as energias benéficas recolhidas no mundo dos vivos. O *ba* necessitava do cadáver, ou pelo menos de uma estátua, para manter a sua identidade

<sup>36</sup> Como conclui J. Janák: «When the saddle-billed stork became locally extinct in Egypt in the first half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC due to the climate change, not only did the *ba*-sign start to lose its former accuracy and become schematized, but similar alterations are also traceable within the religious concept of the *ba* itself» (JANÁK 2013c, 2013, 128). É, assim, compreensível a introdução de uma nova ave, o falcão (*Falco sp*), ave migratória, com cabeça humana (G53), para iconograficamente representar o *ba*. Um outro atributo iconográfico-hieroglífico do *ba* patente no G53 consiste numa pequena candeia desenhada ao lado da ave, queimando uma qualquer essência, evocando a crença segundo a qual o *ba* do defunto cintilava no céu como uma estrela, brilhando ao lado dos outros deuses. Estamos perante as novas características da noção de *ba*, ou seja, a manifestação do defunto no Além, a liberdade de movimento, a «migração» da «alma» (JANÁK 2014, 5).

<sup>37</sup> No caso do jabiru, a ave penalta em causa é da espécie *Ephippiorhynchus senegalensis*: de coloração predominantemente branca e preta (asas maioritariamente negras com as pontas com penas brancas; cabeça e pescoço negro), era uma ave alta, poderosa, de grande e afilado bico, principalmente vermelho, com uma espécie de escudo frontal amarelo (chamado «sela») na parte superior do bico, o seu traço mais característico (JANÁK 2014, 2). Este tipo de jabiru podia atingir 1,50m de altura e mais de 2,70m de asa a asa. Era uma ave que não migrava nem se integrava em bandos, vivendo, por isso, geralmente, sozinho ou a pares. Sendo o mais alto e pesado dos jabirus, era também a maior das aves voadoras do antigo Egipto (Cf. JANÁK 2014, 3; JANÁK 2013c, 125, 126).

(FRANKFORT 1976, 88). Representado no interior de muitos sarcófagos, de asas abertas, a ave-*ba* protegia o corpo/ a múmia por toda a eternidade. Há, todavia, uma mensagem de cariz teológico mais profundo: ao ser representado com o corpo de uma ave e com o seu próprio rosto, o defunto está a manifestar-se através de uma forma luminosa, aérea e solar, dotada da extraordinária faculdade, já mencionada, de se deslocar do túmulo (domínio da múmia) para a luz (domínio do *ba*) e vice-versa. A ave *ba* exprimia, em suma, a conquista pelo defunto de um horizonte de liberdade e de luz (SOUSA 2012, 50, 51) - Vide Fig. 13.

Constituindo a personificação do poder divino do defunto, o *ba*, ao contrário de outros componentes da personalidade humana, como o *ka*, não estava, portanto, circunscrito ao túmulo. O seu movimento livre e interdimensional (céu, terra e mundo inferior) dá-lhe identidade (ASSMANN 2001, 44). Efectivamente, o mundo fechado do túmulo era dominado pelo cadáver e pelo *ka*, ao passo que o domínio do *ba* era o mundo da luz. Só uma ave, ligeira, móvel e activa, podia cumprir na perfeição estas exigências. São estas noções que dão consistência à função antropológica do *ba* e à sua conjugação com os outros elementos da antropologia religiosa egípcia.

Habitualmente traduzido como «espírito», o termo egípcio *akh* recobre ideias de transfiguração, eficácia, glória, bênção do defunto, sagrada intermediação entre o humano e o divino (JANÁK 2013a, 1; JANÁK 2013c, 122). Os Egípcios usavam a representação da íbis pelada do norte (*Geronticus eremita*) para o signo hieroglífico *akh* (, G25 da lista de Gardiner)<sup>38</sup>. Esta ave migratória é facilmente reconhecida pelo formato do seu corpo, postura, curtas pernas vermelhas, longo bico vermelho e recurvado e pela típica crista na parte traseira da cabeça<sup>39</sup>. Tal como para o *ba*, os Egípcios recorreram, portanto, também no caso do *akh*, a um signo-ave para «ilustrar» o conceito<sup>40</sup>. No caso da íbis tudo leva a crer que era encarado como mensageiro do Além, ou seja, manifestação terrestre dos mortos glorificados (*akhu*).

<sup>38</sup> Desde o século XVIII, nos tratados científicos, a íbis tem conhecido uma série de designações. Assim, é possível encontrar o *Geronticus eremita* como *Upupa eremita*, *Corvus eremita*, *Coracia cristata*, *Comatibis eremita*, *Geronticus comatus*, *Ibis comata* ou *Ibis comatus*.

<sup>39</sup> Ave de tamanho médio (70-80 cm de altura), com 1,25-1,35m de asa a asa, podia atingir os 1,3 kg de peso (Cf. JANÁK 2013b, 2; JANÁK 2013c, 123, 124; JANÁK 2013a, 1). A descrição de Heródoto (II, 76) mencionada anteriormente parece descrever este tipo de íbis, mencionando a cor negra, as patas o bico recurvado.

<sup>40</sup> Sobre os aspectos zoológicos e ornitológicos usados na escrita hieroglífica para ilustrar os conceitos religiosos egípcios de *akh* e *ba* vide JANÁK 2013c, 121-131.



Egípcios só consideravam que um indivíduo era um *akh* após a ressurreição. O indivíduo não tinha um *akh* em vida, mas sim transformava-se num após a morte<sup>41</sup>. O *akh* refere-se, portanto, a um estágio da existência possível somente após a morte física, não sendo obtido automaticamente no momento do parto, mas só depois da mumificação, dos adequados rituais fúnebres e da superação dos obstáculos da morte e dos julgamentos no mundo subterrâneo (JANÁK 2013c, 122, 123; FRIEDMAN 2001, 47; TAYLOR 2001, 32; ENGLUND, 1978).

Só aqueles que, em vida, viveram de acordo com os ditames da *maet* e que, na morte, beneficiaram dos rituais e das fórmulas de transfiguração, chamadas *sakhu*, e que foram, em consequência, devidamente sepultados, podiam ser «glorificados» ou «transfigurados» em *akh*. Atingido o novo estatuto, o morto renascia e alcançava um novo patamar existencial, participando da esfera divina do Além e exercendo alguma influência sobre a esfera humana do Aquém. Na interação com o plano terrestre, humano, os *akhu* agiam como mediadores junto dos deuses, intercedendo pelos vivos. Em troca, os vivos sustentavam as necessidades dos *akhu*, provendo as oferendas e as cerimónias exigidas (JANÁK 2013b, 3).

### Considerações finais

Como regista uma estela da XVIII Dinastia, referindo-se a um deus do Egito, «*numerosos são os teus nomes, santas são as tuas transformações-kheperu, secretas são as tuas formas-iru*». De facto, um dos aspectos mais notáveis da religião egípcia é a forma encontrada pelos seus sacerdotes e «artistas» para representar o divino. Todas as potências, entidades, forças ou seres divinos podiam ser figurados através de uma *iru*, «imagem visível» ou «aparências terrestres das personagens divinas». Em consequência, a linguagem religiosa era extraordinariamente rica, usando figuras e imagens perfeitamente entendíveis e reconhecíveis pelos Egípcios antigos, embora, por vezes, para nós, que não comungamos na íntegra da mundividência do antigo vale do Nilo, necessitem de uma descodificação particular.

No antigo Egito, entre as divindades-aves mais invocadas na protecção dos vivos, sobretudo do faraó, estavam Hórus, Montu, *bau* de Pe, Nekhebet e Mut; entre as que protegiam o defunto estavam as deusas-abutre (ex.: Nekhebet e Mut) e as

---

<sup>41</sup> Como menciona lapidarmente Jan Assmann, «...on n'a pas d'*akh*, on est *akh*» (ASSMANN 2003, 142).

divindades-falcão (ex.: Sokar, Sopedu, Kebehsenuef, Imentet, Ísis e Néftis e Ré-Horakhti). As representações iconográficas de aves (íbis, falcões, abutres, gansos, avestruzes, pelicanos, jabirus, etc.) que a arte egípcia nos mostra, em vários contextos, são facetas e dimensões do divino que ora realçam o poder imanente dos animais específicos associados às divindades, ora à sua natureza intrínseca (ideias ou noções abstractas), sem, porém, deixarem de captar e transmitir a sua própria individualidade. o significado e o simbolismo das aves no âmbito da cultura egípcia

As aves egípcias forneceram modelos de actuação e comportamento que se ajustavam particularmente bem à definição e explanação de ideias e ideais sagrados pelo que, na maioria dos casos, não está em causa a efectiva adoração directa dos animais referenciados, mas antes, significativamente, a proclamação da veneração e respeito pelos seus atributos e características que todos, de forma directa ou indirecta, reconheciam e valorizavam. Adoravam-se, no fundo, as qualidades demonstradas e simbolizadas pelas aves, em vez dos próprios animais.

As aves egípcias, tratadas teológica e iconograficamente, ajudaram, pois, a corporizar convicções e conceitos e são uma metalinguagem eloquente que interessa perceber e captar. Como aparências divinas são produto de um compromisso criativo entre um pensamento antropomórfico e as aparências das forças naturais-animais. A forma humana dos deuses demonstrava a sua acessibilidade e tangibilidade, enquanto a ave-metáfora exprimia a sua função. A mitologia egípcia, no fundo, exprime-se através de figurações de fantasia poética repletas de força dinâmica. Esta efabulação conceptual é, em si mesma, uma pujante marca do pensamento religioso egípcio.

## REFERÊNCIAS

- ALLEN, J. P., «Ba» in D. Redford (Ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol. I, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 161, 162.
- ARAÚJO, L. M., «Os gansos do Antigo Egipto», *Revista da Casa Pia de Lisboa* 15, Lisboa, pp. 56-60, 1995.
- ASSMANN, J., *The search for god in ancient Egypt*, Ithaca & London, Cornell University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_, *Mort et au-delà dans l'Égypte ancienne*, Monaco, Éditions du Rocher, 2003.
- BAILLEUL-LESUER, R., «1.From kitchen to temple: The practical role of birds in Ancient Egypt» in Rozenn Bailleul-LeSuer (ed.), *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2012, pp. 23-32.
- BLEEKER, C. J., *Hathor and Thoth: Two Key Figures of the Ancient Egyptian Religion*, Leiden, E. J. Brill, 1973.
- BOSCH-PUCHE, F., «Alejandro Magno y los cultos a animales sagrados en Egipto», *Aula Orientalis - Revista de estudios del Próximo Oriente Antiguo Volumen XXX/2*, Barcelona, pp. 243-277, 2012.
- DAUMAS, F., *Les dieux de l'Égypte*, Paris, P.U.F., 1982.
- DODSON, A., «Rituals Related to Animal Cults» in Jacco Dieleman, Willeke Wendrich (eds.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2009, pp. 1-8. <http://escholarship.org/uc/item/6wk541n0>.
- DODSON, A., Ikram, S., *The mummy in ancient Egypt. Equipping the dead for eternity*, London, Thames and Hudson, 1998.
- DUNAND, F., *Isis. Mère des dieux*, Paris, 2000.
- ENGLUND, G., *Akh. Une notion religieuse dans l'Égypte pharaonique*. Uppsala, Boreas 11, 1978.
- EVANS, L., «10.Bird behavior in Ancient Egyptian Art» in Rozenn Bailleul-LeSuer (ed.), *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*. The Oriental Institute of the University of Chicago, Chicago, 2012, pp. 91-98.
- FRANKFORT, H., *Reyes y Dioses. Estudio de la religión del Oriente Próximo en la Antigüedad en tanto que integración de la sociedad y la naturaleza*, Madrid, General Mola, 1976.

- FRIEDMAN, F. D., «Akh» in D. Redford (ed.), *The Oxford Encyclopedia of ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp.47, 48.
- GARDINER SIR A., *Egyptian grammar being an introduction to the study of hieroglyphs*, 3<sup>a</sup> ed., Oxford, Griffith Institute, 1982.
- GRIFFIN, K., «A Reinterpretation of the Use and Function of the Rekhyt Rebus in New Kingdom Temples» in *Current Research in Egyptology. Proceedings of the Seventh Annual Symposium which took place at the University of Oxford April 2006*, Leiden/ Oxford, Brill, 2007, pp. 66-84.
- HART, G., *A dictionary of Egyptian gods and goddesses*, London/ New York, Routledge & Kegan Paul, 1986.
- HENDRICKX, S., «Autruches et flamants - les oiseaux représentés sur la céramique prédynastique de la catégorie» in *Decorated. Cahiers Caribéens d'Égyptologie n°1*, février/mars, 2000, pp. 21-52.
- HORNUNG, E., *Les Dieux de l'Égypte: L'Un et le Multiple*, Paris, Flammarion, 1986.
- HOULIHAN, P. F., «Birds» in D. Redford (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol. I, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 189-191.
- IKRAM, S., «3. An eternal aviary: bird mummies from Ancient Egypt» in Rozenn Bailleul-LeSuer (ed.), *Between Heaven and Earth. Birds in Ancient Egypt*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2012, pp. 41-48.
- JANÁK, J., «Akh» in Jacco Dieleman, Willeke Wendrich (eds.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2013a, pp. 1-9.  
<http://escholarship.org/uc/item/7255p86v>.
- \_\_\_\_\_, «Northern Bald Ibis (Akh-Bird)» in Jacco Dieleman, Willeke Wendrich (eds.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2013b, pp. 1-9.  
<http://escholarship.org/uc/item/9m96g9sb>
- \_\_\_\_\_, «Extinction of Gods: Impact of climate change on religious concepts» in *Visualizing knowledge and creating meaning in ancient writing systems*, Berliner Beiträge zum Vorderen Orient Band 23, Berlin, ed. Shai Gordin, 2013c. pp. 121-131.
- \_\_\_\_\_, «Saddle-billed Stork (ba-bird)» in Jacco Dieleman, Willeke Wendrich (eds.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2014, pp. 1-8.  
<http://escholarship.org/uc/item/Or77f2f8>.
- KOSLOFF, A. P., «5. Pharaoh was a good egg, but whose egg was he?» in Rozenn Bailleul-LeSuer (ed.), *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2012, pp. 59-64.

- KESSLER, D., «Bull gods» in D. Redford (Ed.), *The Oxford Encyclopedia of ancient Egypt*, Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 209-213.
- MEEKS, D., «Zoomorphie et image des dieux dans l'Égypte ancienne» in *Corps des dieux. Le temps de la réflexion VII*, Paris, Éditions Gallimard, 1986, pp. 171-191.
- REEVES, N., *Ancient Egypt. The great discoveries, A year-by-year chronicle*, London, Thames & Hudson, 2000.
- SALES, J. das C., *As divindades egípcias. Uma chave para a compreensão do Egípcio antigo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.
- \_\_\_\_\_, «Sexualidade e sagrado entre os Egípcios. Em torno dos comportamentos erótico-sexuais dos antigos deuses egípcios» in José Augusto Ramos, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues (coordenadores), *A sexualidade no mundo antigo*. Lisboa, 2009, pp. 55-79.
- \_\_\_\_\_, «Divine Triads of Ancient Egypt», *Hathor. Studies of Egyptology 1*, Lisboa, pp. 115-135, 2012a.
- \_\_\_\_\_, «Diálogo teológico-cosmogónico egípcio», *Revista Lusófona de História das Religiões*, Ano X - nº 16/17, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, pp. 193-232, 2012b.
- \_\_\_\_\_, «Em busca do touro Ápis pelos caminhos da mitologia do antigo Egípcio», *Revista Lusófona de Ciência das Religiões - Olhares sobre temas definidores do Estudo das Religiões*, Ano X - nº 18/19 Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, pp. 61-82, 2014a.
- \_\_\_\_\_, «A Conceção Antropológica Egípcia: Da Vida no Aquém à Existência no Além», *Gaudium Sciendi*, Número 6, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, pp. 131-164, 2014b.  
<http://www.ucp.pt/site/custom/template/ucptplpopup.asp?sspageid=114&artigoID=9699&lang=1>.
- \_\_\_\_\_, *Política(s) e Cultura(s) no antigo Egípcio*, Lisboa, Chiado Editora, 2015.
- SCALF, F., «2. The role of birds within the religious landscape of Ancient Egypt» in Rozenn Bailleul-LeSuer (ed.), *Between Heaven and Earth. Birds in Ancient Egypt*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2012, pp. 33-40.
- SOUSA, R., *Em busca da imortalidade no antigo Egípcio. Viagem às origens da civilização*, Lisboa, Ésquilo, 2012.

- SHONKWILER, R., «4. Sheltering wings: birds as symbols of protection in Ancient Egypt» in Rozenn Bailleul-LeSuer (ed.), *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2012, pp. 49-57.
- TAYLOR, J. H., *Death & the afterlife in Ancient Egypt*, London, The Trustees of the British Museum, 2001.
- TE VELDE H., *Seth, God of confusion. A study of his role in Egyptian Mythology and Religion*, Leiden, E. J. Brill, 1967.
- \_\_\_\_\_, «Geb» in *Lexikon der Ägyptologie Bd. II, Lief. 3*. Wiesbaden, 1976, pp. 427–429.
- \_\_\_\_\_, «Towards a Minimal Definition of the Goddess Mut», *JEOL* 26, pp. 3–9, 1979-1980.
- \_\_\_\_\_, «A Few Remarks upon the Religious Significance of Animals in Ancient Egypt», *Numen* 27, pp. 76–82, 1980.
- \_\_\_\_\_, «Mut and other ancient Egyptian goddesses» in *Egypt, the Aegean, and the Near East. Studies in honour of Martha Rhoads Bell, vol. I*, Texas, 1997, pp. 455-462.
- \_\_\_\_\_, «The Goddess Mut and the Vulture» in Sue H. D'Auria (ed.), *Servant of Mut. Studies in Honor of Richard A. Fazzini*. Leiden/Boston, 2008, pp. 242–245.
- VAN DIJK, J., «The Canaanite God Hauron and His Cult in Egypt», *GM* 107, pp. 59–68, 1989.
- VERNUS, P., Yoyotte, J., *Bestiaire des pharaons*, Paris, éd. Perrin, 2005.
- WATTERSON, B., *The gods of Ancient Egypt*, London, Batsford Ltd., 1984.
- WILKINSON, R. H., *The complete gods and goddesses of ancient Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 2003.
- WYATT, J., «9. Bird identification from art, artifacts, and hieroglyphs: an ornithologist's viewpoint» in Rozenn Bailleul-LeSuer (ed.), *Between Heaven and earth. Birds in Ancient Egypt*, Chicago, The Oriental Institute of the University of Chicago, 2012, pp. 83-90.
- YOYOTTE, J., «Seth» in Georges Posener, Serge Sauneron, Jean Yoyotte (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Paris, Ed. Fernand Hazan, 1970, p. 266.

ZABKAR, L. V., *A study of the ba concept in ancient Egyptian texts*, Chicago. University of Chicago Press, 1968.

\_\_\_\_\_, «Ba» in *Lexikon der Ägyptologie I*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1975, cols. 588-590.

ZIVIE-COCHE, Ch., «Foreign Deities in Egypt» in Jacco Dieleman, Willeke Wendrich (eds.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2011, pp. 1-10. <https://escholarship.org/uc/item/7tr1814c>.

## ANEXO:

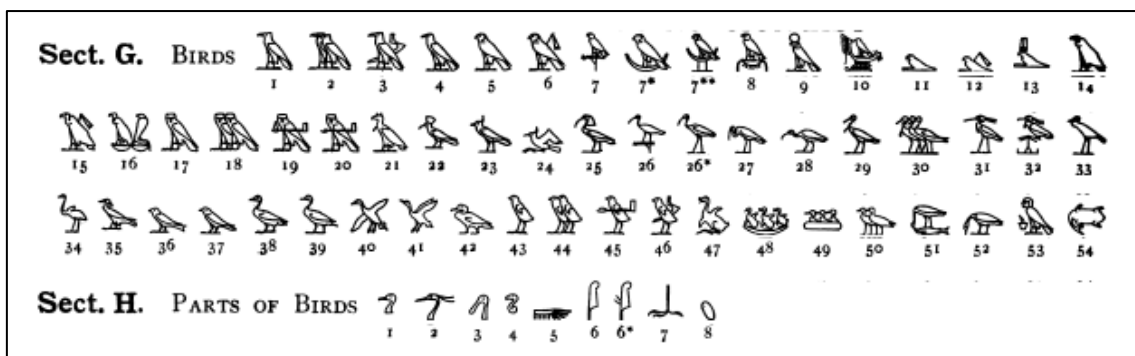


Fig. 1 Lista de aves de Alan Gardiner, *Egyptian Grammar*.

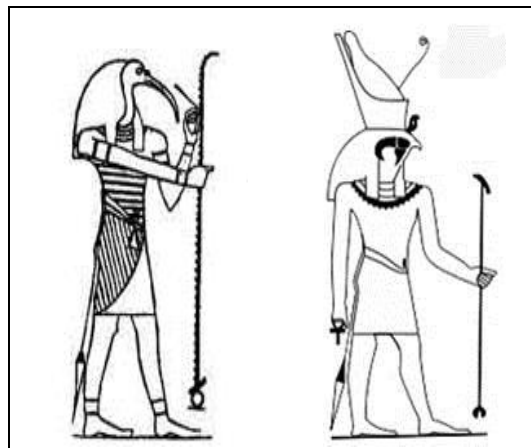
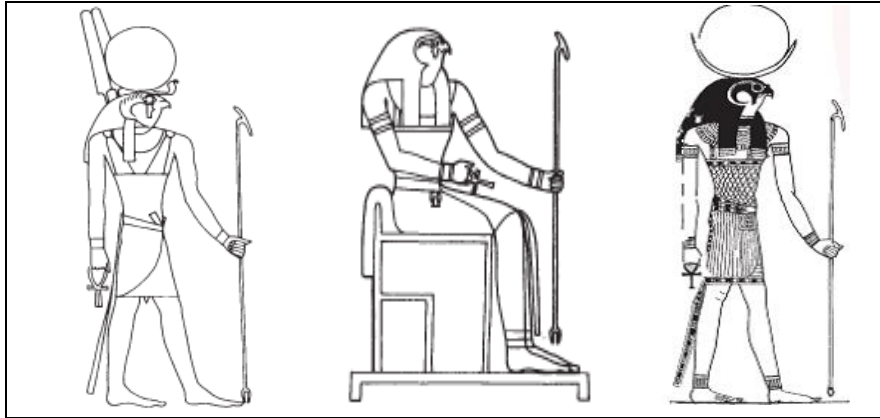
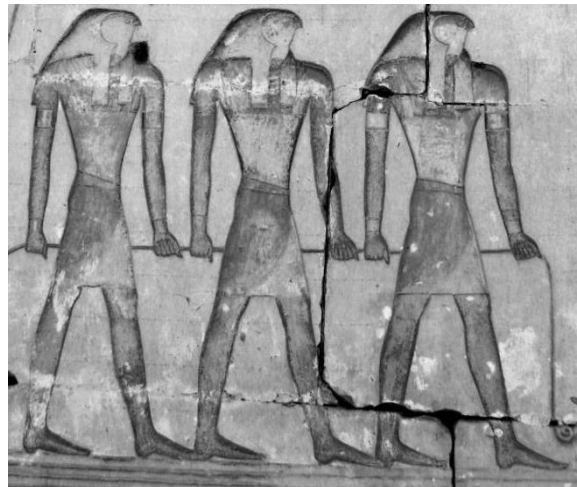


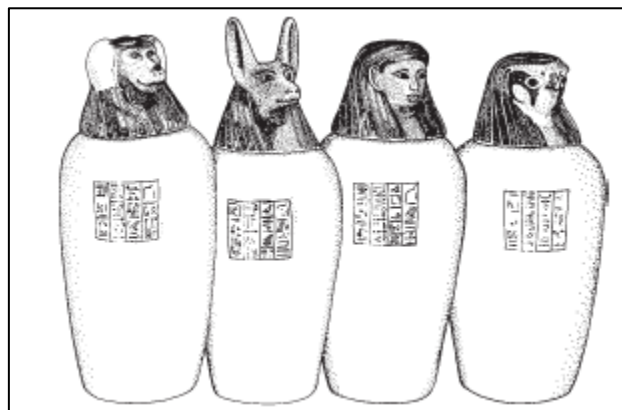
Fig. 2. Tot e Hórus: dois dos mais conhecidos deuses-aves do antigo Egípto.



**Fig. 3. Formas hierocéfalas de Montu, Sokar e Khonsu.**



**Fig. 4. Os *bau* de Pe: também hieracocéfalos.**



**Fig. 5. Os vasos de vísceras, cujas tampas representam os quatro filhos de Hórus. Kebehsenuef, à direita, com cabeça de falcão.**

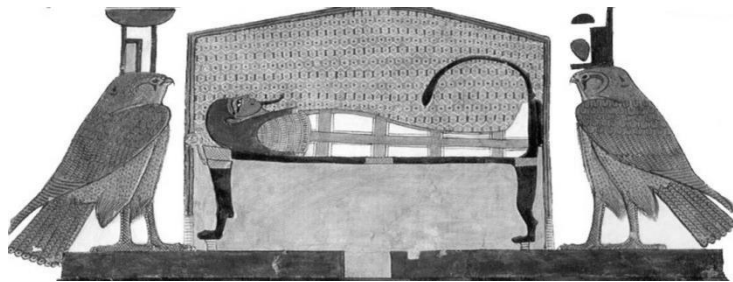


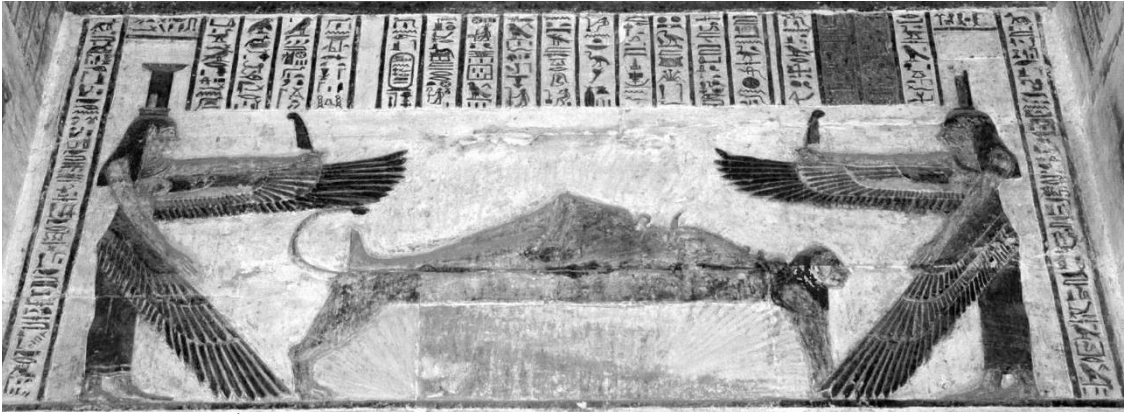


**Fig. 6. As deusas Imentet, Maet e Mut: as aves ou partes das aves como símbolos divinos.**



**Fig. 7. O deus Mandulis: corpo de ave com cabeça humana.**





Figs. 8 e 9. Néftis e Ísis protegendo o defunto, zoomorfas, como falcões, ou antropomorfas aladas.

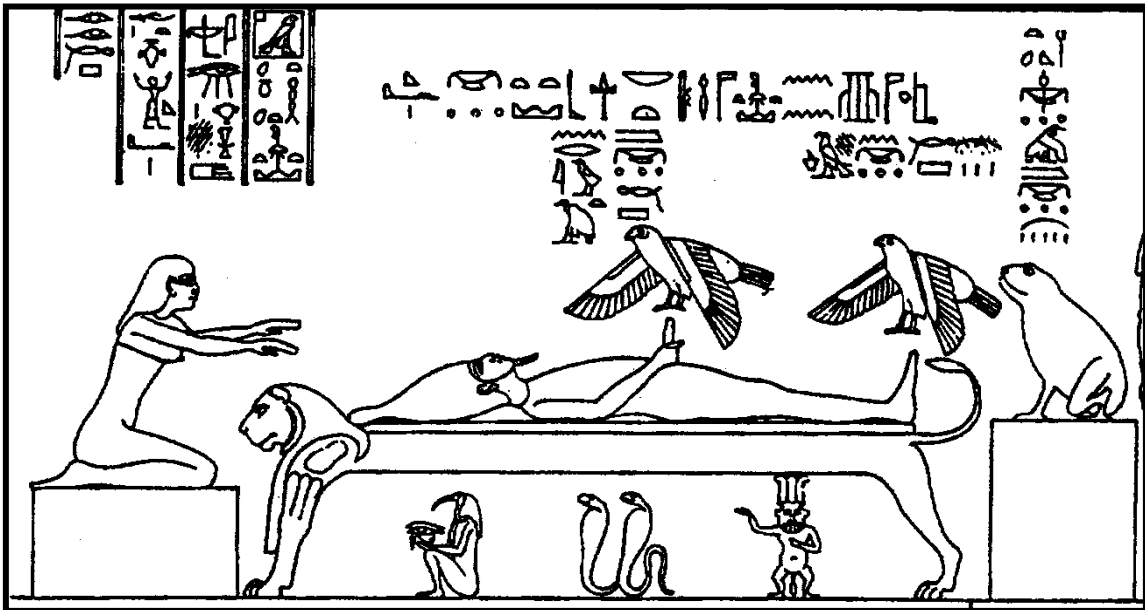


Fig. 10. A miraculosa concepção de Hórus: Ísis como falcão unindo-se a Osiris. Tecto da capela ocidental do templo de Hathor, em Dendera.

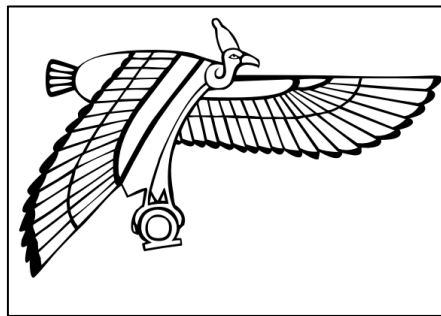
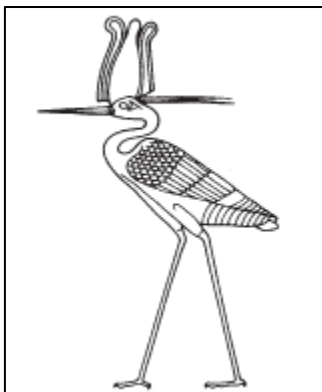


Fig. 11. A deusa Nekhebet zoomorfa, como abutre.



**Fig. 12. A ave-benu.**



**Fig. 13. O *ba* visitando a sua múmia na câmara funerária.**  
**Vinheta do capítulo 93 do *Livro dos Mortos* de Ani. XVIII dinastia. British Museum.**